

# POR QUE SOMOS ETERNAMENTE DECADENTES?

UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE A  
INTERPRETAÇÃO DE EVALDO SAMPAIO.

FERNANDO R. DE MORAES BARROS - Professor Adjunto de Filosofia da  
Universidade Federal do Ceará (UFC).

**Resumo:** Trata-se, no breve texto que se segue, de tecer algumas considerações acerca da hipótese de interpretação afirmada por Evaldo Sampaio, em seu livro *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*.

**Palavras-chave:** *Nietzsche – décadence – estruturalismo*

**Abstract:** The following short piece aims at making some comments on the interpretation given by Evaldo Sampaio in his book *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*.

**Keywords:** *Nietzsche – décadence - structuralism*

**R**eferindo-se à “febre” ocasionada pelo seu célebre romance epistolar, Goethe certa vez chegou a dizer: “Quando de seu surgimento na Alemanha, o ‘Werther’ de modo algum suscitara, tal como se lhe acusou, uma doença, uma febre, senão que apenas despertara o mal que, às escondidas, jazia nos ânimos dos jovens.”<sup>1</sup> Ainda que nos emocionem, dando ensejo, inclusive, a hostis sentimentos desenfreados, os livros de filosofia raramente se deixam associar à espécie de comoção descrita pelo autor d’*Os sofrimentos do jovem Werther*. Antes de apelar à emotividade do leitor, o vocabulário crítico e técnico tem de passar pelo crivo da razão, único a garantir a vigência prévia das significações. Acostumada a interpretar simbolizações e atividades apofânticas de enunciação - consideradas verdadeiras ou falsas, não por aquilo que nos fazem sentir, mas em virtude de descreverem corretamente ou não a estrutura da realidade “em si” -, a maioria dos filósofos tende a conceber a escrita como vetor objetivo de ideias, e não como exercício vivencial de reflexão. Não é isso, porém, o que se acha em jogo nos textos de Nietzsche.

Frutos da sublimação artística dos complexos de impulsos que cruzam e constituem o animal-homem, os signos possuem, na escrita nietzschiana, um caráter epifenomênico. Expressão daquilo que se passa no corpo, a eles cabe reenviar o leitor, não a conceitos antecipadamente significados, mas a afetos que se candidatam, por assim dizer, à esfera do sentido, indicando-nos que, à significação imposta, subjazem afetos e vontades que a impõe. Daí, a definição teluricamente escalonada feita pelo filósofo alemão: “O que há de mais compreensível na linguagem não é a palavra mesma, mas o som, a força, a modulação, o tempo com os quais uma sequência de palavras é dita – enfim, a música por detrás das palavras, a afetividade por detrás desta música, a pessoa por detrás de tal afetividade: tudo aquilo que, portanto, não pode ser *escrito*.”<sup>2</sup> Da articulação das palavras, passar-se-ia à esfera afetiva e, desta, para “pessoa” situada como que por detrás de tudo. Sendo que é justamente aqui que adquire contorno e lastro a pregnante prescrição estilística: “A primeira coisa que se faz necessária é *viver*: o estilo deve *viver*.”<sup>3</sup> O estilo deve ser vivo porque o pensamento por ele parido continua a viver

<sup>1</sup> Goethe, Johann Wolfgang v. *Werke. Hamburger Ausgabe in 14 Bänden*. Munique, dtv, 2000, p. 321.

<sup>2</sup> Nietzsche, F. Fragmento póstumo do verão/outono de 1882, nº 3 [1] 296; in: “Kritische Studienausgabe” (KSA). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1999, vol. 10, p. 89.

<sup>3</sup> Id. Fragmento póstumo de julho/agosto de 1882, nº 1 [45]; in: “Kritische Studienausgabe” (KSA). Ed.

nele, e, na medida em que este último vem envolto por uma multiplicidade de impulsos, vive no estilo também esta multiplicidade e aquela multidão. Nesse sentido, um estilo generoso seria precisamente aquele que, deixando-se permear pelas vivências daquele que dele lança mão, consegue acolher e cultivar em si os mais variados estados internos. E, tratando-se de Nietzsche, isso se mostraria especialmente bem-vindo, haja vista que nele vigora, conforme suas próprias palavras, um número inacreditável de traços e vivências pessoais: “considerando que a multiplicidade de estados interiores é em mim extraordinária, há em mim muitas possibilidades de estilo – a mais multifária arte do estilo de que um homem já dispôs.”<sup>4</sup> Taticamente ousado e estrategicamente arriscado, o livro de Evaldo Sampaio - *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche* - vai, à primeira vista, de encontro a isso tudo.

Ousado, porque toma sobre o dorso a tarefa de atrelar o inteiro legado nietzschiano a um problema específico, a “uma questão original da filosofia”,<sup>5</sup> a saber, a pergunta pela “melhor maneira de viver”.<sup>6</sup> E, ao fazê-lo, termina por localizar as preocupações magnas do filósofo alemão em torno à ponderação acerca das possíveis formas ascendentes ou declinantes de viver, razão pela qual o conceito de *décadence*, seminal no assim chamado período de maturidade, converte-se no principal operador teórico do trabalho - atuando como uma espécie de magneto teórico-especulativo em direção ao qual os demais conceitos são atraídos como limalhas caudatárias. Arriscado, porque opta por uma chave de leitura de corte estruturalista, refazendo os movimentos internos do texto não a partir de uma intenção pessoal - própria ao tempo vivido e a qual, como adverte Sampaio, “não pertence ao plano de conteúdo da obra”<sup>7</sup> -, mas a partir de uma intenção acintosamente filosófica, atuante num “âmbito distinto da intenção psicológica ou da reconstituição histórica”.<sup>8</sup> Se este tateio metodológico acumula a vantagem de evitar o historicismo, acaba entretanto por fazer intervir uma separação entre reflexão e vivência – nesse trilha, Sampaio chega a dizer: “por ‘autor’ não designo

---

Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1999, vol. 10, p. 22.

<sup>4</sup> Id. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo, Cia. das Letras, 1995, “Por que escrevo tão bons livros” §4, p. 57.

<sup>5</sup> Sampaio, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora da UnB, 2013, p. 23.

<sup>6</sup> Id. *ibid.*, p. 23.

<sup>7</sup> Id. *ibid.*, p. 29.

<sup>8</sup> Id. *ibid.*, p. 29.

sequer a pessoa que escreveu o texto, mas um índice ou componente textual latente ou manifesto no que foi escrito”;<sup>9</sup> e com o agravante – o que, no caso de Nietzsche, não é de pouca monta – de lançar os holofotes preferencialmente sobre a “obra assumida pelo autor”,<sup>10</sup> a qual passa a servir de esmeril para o intérprete que espera entender o pensador “como ‘ele’ entende a si mesmo.”<sup>11</sup> Perigosa jangada a ondular sobre as águas caudalosas de uma filosofia que se tornou célebre justamente por embaralhar vida e obra e cultivar, sem trégua e com unhas e dentes, um caráter pluralista, o livro parece querer descerrar, a contrapelo da fortuna crítica, um horizonte hermenêutico inabitado, aparentemente expulsivo àquele que está acostumado com as interpretações canônicas do filósofo alemão. Engana-se, contudo, quem antevê aqui um naufrágio metódico. Equivoca-se quem lhe imputa, de saída, uma vontade de sistema. Pascaliana, a aposta lançada por Evaldo conduz, ao contrário do que se espera, a uma leitura responsável e qualificada, digna e valiosa, ganhando, digamos, precisamente por não ter nada a perder.

Ocorre que o autor de *Por que somos decadentes?* faz um uso heterogêneo do método estruturalista. E, no contexto em questão, não poderia mesmo ser de outro modo. Se não é pertinente pressupor um único e unívoco sujeito à base dos escritos de Nietzsche, sendo o *ego* do pensador somente um múltiplo e efêmero amálgama de forças em mútua e condicional relação, tampouco teria cabimento fazer da análise estrutural de texto um *parti pris* metodológico – vestindo, assim, uma camisa-de-força em nome de uma ordem das razões cujo próprio valor é colocado em questão pelo autor analisado. É preciso ter diante dos olhos o fato de que, para Nietzsche, a “verdade não é algo que uma pessoa pudesse ter e outra não.”<sup>12</sup> Feitas as devidas diferenças, talvez o mesmo pudesse ser dito em relação aos métodos. Assim, se traz à baila a divisão entre “método ensinado” e “método praticado” afirmada por Victor Goldschmidt, Sampaio não o faz para reproduzir o preconceito segundo o qual o *corpus* nietzschiano não admite metodologia explícita, senão que para desassombrar os recursos de estruturação, emendando “em ato” o olhar estruturalista e sugerindo, outrossim, um outro modo de

<sup>9</sup> Id. *ibid.*, p. 29

<sup>10</sup> Id. *ibid.*, p. 30

<sup>11</sup> Id. *ibid.*, p. 32

<sup>12</sup> Id. *Der Antichrist*. In: “Kritische Studienausgabe” (KSA). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1999, vol. 6, §53, p. 234.

se ler Nietzsche: “Já que uma leitura estrutural de Nietzsche, segundo Goldschmidt, seria aquela na qual o sucesso pode como que comprovar em especial a fecundidade desta abordagem hermenêutica, aplicá-la neste meu exercício de leitura do pensamento de Nietzsche contribui tanto para consolidá-lo quanto auxilia ao leitor na resolução de algumas das principais dificuldades de interpretação acerca do filósofo.”<sup>13</sup>

Algo semelhante se passa com o uso – constitutivo, mas, por vezes, também regulativo - que aqui se faz da noção mesma de *décadence*. Muito mais do que um tipo de alforje onde se juntam ideias com proximidade de berço, o termo é acolhido como fio condutor de uma “interpretação de uma autointerpretação” – asserida, em especial, a partir do Prólogo de *O caso Wagner*. A esse propósito, Sampaio escreve: “Tal autointerpretação nos assegura que aquilo que mais interessou a Nietzsche é o ‘problema da decadência’. A curiosa ‘originalidade’ aqui é que a maior parte dos leitores ignora ou desconsidera essa autointerpretação do autor, de modo que assumi-la como fio condutor para se interpretar adequadamente a filosofia de Nietzsche é adotar uma posição antagônica quanto a inúmeras leituras exemplares.”<sup>14</sup> É certo que o termo *décadence* já foi objeto de estudos inigualáveis e muitíssimo atentos em termos de sua efetividade conceitual, fazendo jus tanto à acepção fisiológica da expressão quanto ao seu inexorável sentido artístico na obra de Nietzsche – vide, por exemplo, o importante artigo de Wolfgang Müller-Lauter a esse respeito.<sup>15</sup> É igualmente bem conhecida a aplicação estético-musical do vocábulo – talvez, a mais explícita nos escritos nietzschianos da maturidade. Sob o influxo de Paul Bourget, Nietzsche aplica o conceito de *décadence* literária à música de Wagner. Tomando esta última como um organismo, afirma então que, em seu interior, certas partes estruturalmente subordinadas se tornariam independentes em função de um processo de desagregação anárquico e aleatório, razão pela qual não lhe reconhece uma efetiva força organizadora. Mas não é apenas o sentido técnico-crítico de decadência que irá atrair a atenção de Sampaio. A ele interessa apontar para o significado poderosamente ambíguo que o termo adquire à

<sup>13</sup>Sampaio, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora da UnB, 2013, p. 41.

<sup>14</sup>Id. *ibid.*, p. 26.

<sup>15</sup>Müller-Lauter, Wolfgang. “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. Trad. Scarlett Marton. In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 6, 1999, pp. 11-30.

luz da própria autocompreensão do filósofo alemão, o que implica, entre outras coisas, extrapolar o lugar relativamente confinante que até então era reservado à problemática decadencial. Sobre o alcance das ideias de ascensão e decadência dos impulsos vitais em Nietzsche, dir-se-á no livro, por exemplo: “tal doutrina ou teoria é o coração selvagem de sua filosofia.”<sup>16</sup>

Com isso, o autor de *Por que somos decadentes?* passa a depender de uma dialética dolorida. Ao lado do sentido negativo-disruptivo da *décadence*, ele tenciona encontrar, qual um desconhecido irmão siamês, seu significado positivo e transvalorado, polarizando o termo, mas sem flertar com a maneira dualista de pensar. Isso se lhe torna possível, porque Nietzsche, na medida em que vivenciou a *décadence* em si mesmo – vivência, *nota bene*, cujo testemunho é filosoficamente “assumido” nos textos de maturidade -, estaria em condições de descrever simultaneamente as duas faces da moeda, colocando-se face ao exaurimento e à diminuição de potência como alguém que neles dormitou e ressurgiu para nos relatar as peripécias de sua autossuperação. Daí, o paradoxal dito do filósofo alemão: “sou um *décadent*, mas sou também o seu oposto.”<sup>17</sup> Cronista analítico e vivencial da *décadence*, Nietzsche sabe, por assim dizer, que ela remete a uma etapa intermediária – e quiçá inafugentável - do penoso processo de superação de si. Porque se fia neste movimento em que ascensão e declínio convergem sem se neutralizarem, Sampaio pode finalmente nos conduzir à sua lapidar conclusão: “Não é por um conjunto de regras ou prescrições que Nietzsche procura realizar o panegírico da ascensão dos impulsos vitais – é, sim, pela demonstração *prática* de que tal grandeza é possível.”<sup>18</sup> Vê-se, pois, que o intencional divórcio com as tradicionais abordagens hermenêuticas e o flerte flagrante com o estruturalismo não passavam de uma estratégia para mostrar que a filosofia de Nietzsche é “judicativa – diz o que é, sob a ótica da vida, superior ou inferior -, porém sem imperativos.”<sup>19</sup>

É claro que, antes de atingir esse patamar reflexivo, o texto de Sampaio percorre

<sup>16</sup> Sampaio, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora da UnB, 2013, p.26.

<sup>17</sup> Id. *Ecce homo*. In: “Kritische Studienausgabe” (KSA). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/ Nova York, Walter de Gruyter, 1999, vol. 6, „Warum ich so weise bin“ §2, p. 266.

<sup>18</sup> Sampaio, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora da UnB, 2013, p. 331.

<sup>19</sup> Id. *ibid.*, p. 331.

tópicos caros à história da filosofia, cujas ligações, por vezes insulares, formam um arquipélago que suplanta o perímetro em que se delineiam, em geral, as leituras acerca do legado nietzschiano – não raro, nomes tais como Rorty, Habermas e Descartes dividem as mesmas páginas. O mais importante, porém, está na articulação indicada pelas divisões e subdivisões dos capítulos, os quais, num *crescendo*, levam o leitor ao cume da decifração do mais nietzschiano dentre todos os mistérios nietzschianos, a saber: o que é alcançado com a transvaloração, ou, para reproduzir a glosa de Sampaio, com a “reavaliação de todos os valores”?<sup>20</sup> Assim como a própria transvaloração, o caminho entrevisto para responder a tal questão é tripartite. Na primeira parte do livro (“Estrutura e discurso genealógico”), evitando identificar assistemático com incoerente, mas também se furtando a operar uma distinção radical entre “pensador de sistemas” e “pensador de problemas”, Sampaio empenha-se em mostrar que, no caso de Nietzsche, impõe-se ao leitor uma forma específica de leitura, baseada na autocompreensão do próprio filósofo. Ciente de que toda filosofia hospeda valores e que estes, por sua vez, pressupõem apreciações valorativas, encerra então esta etapa afirmando: “Nietzsche desconfia que uma filosofia é como uma transposição e até um esconderijo conceptual cuja leitura atenta permite em certa medida decifrar quais são os impulsos que motivam esta ou aquela explicação metafísica, este ou aquele imperativo moral.”<sup>21</sup>

É esse ímpeto sintomatológico que orienta a segunda parte do trabalho (“A moral de um imoralista”), trazendo à tona, a partir da relação entre psicologia e história, bem como a partir do contraste entre afirmação e negação da vida, o “objeto” da filosofia “extramoral” de Nietzsche. Com isso, Sampaio dá pleno cumprimento à etapa disruptivo-negativo de seu trabalho, de sorte a tornar operatória, em nosso entender, a acepção efetivamente intensiva da “teoria” da decadência, fazendo ecoar com precisão o seu processo de constituição, o qual coincide, por sua vez, com o processo de autointerpretação da filosofia nietzschiana. Nesta terceira e última etapa do livro (“A filosofia do anticristo”), seu autor permite-se então refazer a assim chamada refutação genealógica do cristianismo e sua instigante análise congenial-intuitiva do tipo psicológico de Jesus, mostrando que este fora falsificado desde a raiz

<sup>20</sup> Id. *ibid.*, p.327.

<sup>21</sup> Id. *ibid.*, p. 129.

justamente para que o cristianismo estatutário pudesse nascer e crescer. O resultado a que nos conduz, a partir daí, é o de que o ideal moderno de homem é consequência de uma dietética perversamente seletiva, que tem no exaurimento psicofisiológico e no declínio potencial seu critério de cultivo. E é precisamente aqui Sampaio roça o ponto de convergência entre vida e obra – sem, contudo, comprometer-se com as abordagens histórico-hermenêuticas e tampouco sem lançar mão do portentoso espólio do filósofo alemão; afirma então que, em Nietzsche, o principal argumento a favor da transvaloração dos valores é o próprio Nietzsche. Munido de tal ótica, conclui: “Não se trata de criar faticamente um tipo nobre, que já existiu e continua a existir, mas de estabelecer o mencionado contraideal pelo qual ele possa reconhecer a si mesmo e assim se proteger do ideal ascético.”<sup>22</sup>

Contra a dietética vampírica e castradora do ascetismo, o contraideal nietzschiano faz as vezes de antídoto. Superando a decadência a partir dela mesma, Nietzsche inocula-se por meio do próprio decaimento. Reverberando o princípio de que o semelhante se cura pelo semelhante, o *páthos* (“doença”) afirmativo conquistado pelo pensador alemão é, antes de mais nada, uma conquista de si mesmo. Ao descrever tal reapropriação inventiva das forças à base da animalidade humana a partir de um estudo “de caso” – Nietzsche, afinal de contas, teria fornecido a demonstração prática de sua transvaloração -, Sampaio avança com determinação e a passos largos em seu estudo, e isso justamente lá, onde, muitas vezes, o arsenal hermenêutico só empreende voos de curto alcance. Fica, porém, a dúvida – da qual nos valem como ensejo provocativo. Ainda que se considere apenas a obra publicada – filosófica e responsabilmente “assumida”, para parafrasear o bordão estruturalista -, o proclamado resguardo frente ao ideal de negação da vida seria mesmo indício de uma espiritualidade “bem resolvida”? Que se lembre, a esse propósito, daquilo que é dito ao final da Terceira Parte de *Assim falava Zaratustra*: “Ah! O homem retorna eternamente! O pequeno homem retorna eternamente!”<sup>23</sup> Trágica, a decadência também passaria a ser, nesse caso, eterna. E aqui mais uma provocação – desta feita, extratextual. Não seria precisamente este declínio sem data que estaria estampado na capa do livro, captado pela lente mordaz de Luiz Felipe Netto de Andrade e Silva Sahd?

<sup>22</sup> Id. *ibid.*, p. 331.

<sup>23</sup> Id. *Also sprach Zarathustra III*. In: “Kritische Studienausgabe” (KSA). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1999, vol. 4, „Der Genesende“ §2, p. 274.

## Referências bibliográficas

GOETHE, Johann Wolfgang v. *Werke. Hamburger Ausgabe in 14 Bänden*. Munique, dtv, 2000.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. “*Décadence* artística enquanto *décadence* fisiológica. A propósito da crítica tardia de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner”. Trad. Scarlett Marton. In: *Cadernos Nietzsche*. São Paulo, n. 6, 1999, pp. 11-31.

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke (KSA)*. ). Ed. Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim/Nova York, Walter de Gruyter, 1999.

SAMPAIO, Evaldo. *Por que somos decadentes? Afirmação e negação da vida segundo Nietzsche*. Brasília: Editora da UnB, 2013.